

A SEGUNDA GERAÇÃO DE EMIGRANTES BRASILEIROS RUMO AOS ESTADOS UNIDOS: PROBLEMAS E PERSPECTIVAS¹.

Gláucia de Oliveira

Doutora em Ciências Sociais – Professora do Centro de Ciências Humanas e da Educação FAED / UDESC.

Gisele Meriz

Acadêmica do curso de História – FAED / UDESC – Bolsista de Iniciação Científica – PROBIC.

Natália Cristina Ihá

Graduada em Geografia – FAED / UDESC – Bolsista de Iniciação Científica – PROBIC.

RESUMO: O tema aborda uma questão atual e muitas vezes marcante para a sociedade brasileira – a emigração de brasileiros para os Estados Unidos. O objetivo do artigo é focalizar a segunda geração de emigrantes, os filhos da migração, analisando a reconstrução de sua identidade dividida entre a nação de origem e a sua nova morada nos Estados Unidos. A segunda geração vivencia a modificação de valores e costumes e sua indecisão em retornar ao Brasil, com o qual já não se identifica tanto quanto a geração de seus pais. A pesquisa foi realizada com brasileiros da região de Criciúma porque desde meados da década de 1990 tem-se observado um significativo número de criciumenses que emigraram para a região de Boston, nos Estados Unidos. Para compreender a configuração da segunda geração, realizou-se um *survey* em Criciúma que traça um perfil da população migrante, bem como entrevistas semi-estruturadas com integrantes da segunda geração. As entrevistas apontam para o dilema vivido por esses jovens: ser ou não ser *Brazilian*, além de retratar claramente as dificuldades enfrentadas por eles no que tange o sistema educacional americano e a experiência de viver entre as duas culturas. A configuração dessa geração emigrante em busca do reconhecimento da sua presença e importância no território americano evidencia um novo perfil contemporâneo da população mundial, na qual a segunda geração de brasileiros está inserida, e como tal, vivencia novas relações impostas pela emergência de um mundo globalizado.

Palavras-Chave: Emigração Brasil – Estados Unidos. Segunda-geração. Identidade étnica.

BRAZILIAN SECOND GENERATION ROOTES TO UNITED STATES: PROBLEMS AND PERSPECTIVES

ABSTRACT: The theme deals with an issue actual and many times remarkable for the Brazilian society – the Brazilian immigration to the Estados Unidos. The purpose of this work is to focalize the second generation of these immigrants, the migrant's sons, analyzing their identity rebuilding divided between the original nation and the new home. That second generation lives the values and costumes modification and the indecision to go back to Brazil, witch they don't have close connections any more, as the parent's generation. The survey was applied with Brazilians from Criciúma county and region because since the middle of 1990, has been observed a relevant number of Criciúma people who migrates to Boston region, in Estados Unidos. In order to comprehend the configuration of that second generation, a survey was made in Criciúma which shows a profile about the migrant population, and semi-structured interviews with the second generation integtrants, in Boston the interviews indicated the dilemma lived for those young: to be or no to be Brazilian, and show clearly the difficulties that they confronted, specially in terms of the American education system and their experience about living between two cultures. The configuration of that immigrant while they were searching for his presence recognizing and their importance in the USA territory showed a new and actual profile about global population, where the second Brazilian generation is inserted, and as well as that, are living new relations imposed by the emerging globalized world.

Key-Words: Emigration Brazil – USA. Second-generation. Ethnic identity.

INTRODUÇÃO

A emigração de brasileiros para o exterior é um fenômeno que desde as últimas décadas do século XX inseriu o Brasil nos novos fluxos internacionais de mão-de-obra. Esse movimento de emigração marca uma inversão na imagem do país como país de imigrantes. Os milhares de homens e mulheres que partiram no final dos anos 80, ao longo da década de 1990 transformaram o que era um movimento esporádico de emigrantes em busca de uma vida melhor num fluxo contínuo de imigrantes que se dirigem principalmente para os Estados Unidos, Japão, Portugal e Itália. Assim, iniciamos o século XXI com uma estimativa de 2,5 milhões de brasileiros no exterior. A ampliação de nossa gente lá fora trouxe uma maior complexidade ao movimento, ampliando sua composição étnica, etária e de gênero. Dessa forma, não são apenas homens solteiros que partem, mas mulheres, crianças e jovens, que compõem diferentes arranjos familiares, provenientes de diversas regiões do país, inclusive da cidade de Criciúma, principal ponto de partida de emigrantes da região sul do Brasil. Nesse contexto de ampliação do movimento de brasileiros rumo ao exterior, emerge a questão que trataremos no presente artigo: a segunda geração de emigrantes brasileiros.

A constituição de uma segunda geração de emigrantes brasileiros tem colocado questões instigantes para a compreensão desse fluxo, pois demonstram que está ocorrendo uma ampliação da expectativa temporal dos migrantes. Assim, embora o projeto migratório inicial seja formulado em termos temporários - o que significa trabalhar para juntar dinheiro para poder retornar e comprar uma casa, um carro, montar um negócio no Brasil - a vida cotidiana nos Estados Unidos tem demonstrado que são necessários mais do que os quatro ou cinco anos que são imaginados como projeto inicial. Essa ampliação do tempo de permanência torna-se mais efetiva com a configuração de famílias nos Estados Unidos. Nesse momento, “um migrante puxa outro”, fazendo com que a migração ocorra articulada numa complexa rede de relações de parentesco, amizade e origem comum (Massey et al:1987, Pessar:1999, Tilly:1990) – as redes sociais na migração.

É nesse contexto que chegam aos Estados Unidos os jovens migrantes brasileiros, articulados às redes familiares, acompanhando seus pais ou outros integrantes de sua rede de parentesco e amizade. Portanto, para os objetivos desse artigo, analisaremos como os jovens relatam suas experiências no processo de viver entre dois lugares: o Brasil e os Estados Unidos.

A pesquisa de campo foi realizada na região de Boston e procurou reconstruir as trajetórias da segunda geração. Foram realizadas 20 entrevistas semi-estruturadas com jovens entre 15 e 22 anos.

A partir da análise das experiências desses jovens, discutiremos as dificuldades encontradas pela segunda geração e como seus integrantes se sentem quando confrontados com as representações acerca do Brasil e dos Estados Unidos, reconstruindo suas identidades entre os dois lugares. Através de tais relatos analisamos as possibilidades e os limites enfrentados pelos imigrantes e por seus filhos/as na realização do projeto migratório.

Para analisar as trajetórias de emigração estruturamos o artigo em três partes.

Na primeira abordamos identificamos quem são os jovens que constituem a segunda geração e discutimos a importância das redes sociais dentro de um processo de migração.

Na segunda parte descrevemos a vida cotidiana desses jovens divididos entre o trabalho e a escola, analisando ainda a educação nos Estados Unidos em contraponto com a educação brasileira.

Na terceira parte analisamos a reconstrução das identidades vivenciada pela segunda geração, problematizando a questão da assimilação cultural e da reconstrução da identidade brasileira nos Estados Unidos.

A SEGUNDA GERAÇÃO DE EMIGRANTES BRASILEIROS: QUEM SÃO ELES?

A configuração da segunda geração de migrantes brasileiros evidencia a ampliação do fluxo de brasileiros para o exterior e a mudança no perfil da população migrante. A partir de meados dos anos 1990, particularmente no final da década, um crescente número de crianças e adolescentes, filhos de brasileiros, começou a aparecer nas missas, nos restaurantes brasileiros, nas escolas bilíngües, nas festas brasileiras. O crescimento dessa população, embora não seja ainda quantitativamente significativa, conforme observou Sales e Loureiro (2004) e também os dados coletados no Consulado Geral de Boston (Assis, 2004) revela que, assim como outros grupos imigrantes, o contingente de brasileiros não é mais constituído apenas de jovens migrando sozinhos, mas também por uma maior diversidade de gênero e etária que evidenciam a constituição de famílias, bem como o processo de reunificação familiar.

Neste sentido, quando falamos de segunda geração de emigrantes brasileiros é importante destacar que, a rigor o contingente de brasileiros nascidos nos Estados Unidos,

ainda não é significativo do ponto de vista demográfico quando comparados a outros grupos imigrantes estabelecidos há mais tempo (conforme veremos a seguir nos dados apresentados por Sales e Loureiro 2004), mas procuraremos considerar para a nossa análise que o grupo que tem sido denominado segunda geração é composto por adolescentes nascidos no Brasil e que migraram com os pais ainda pequenos para os Estados Unidos.

É a partir dessa perspectiva que Menezes (2003), Sales e Loureiro (2004) analisaram os chamados filhos da migração, ao se referirem a essa geração que se situa entre a 1ª geração de imigrantes, a geração dos pais e a segunda geração, aqueles que nasceram nos Estados Unidos. Segundo Portes (1996 e Rumbaut)² essas crianças filhas de imigrantes que migraram pequenas seriam definidas como a geração 1.5 e as que nasceram nos Estados Unidos, filhas de pais migrantes, constituiriam a segunda geração.

A pesquisa que desenvolvemos sobre a segunda geração de imigrantes (Assis e Ihá, 2004) demonstra que, assim como já observado por Menezes (2003), os filhos dos emigrantes brasileiros dividem-se em três grupos:

O primeiro grupo, denominado de geração 1.0, é constituído por jovens que nasceram no Brasil e migraram pequenos para a região de Boston nos Estados Unidos, onde foram efetivamente socializados.

O segundo grupo, denominado geração 1.5, é formado por jovens que nasceram no Brasil, tiveram sua primeira infância e socialização no país de nascimento e depois emigraram para os Estados Unidos.

O terceiro grupo, que seria efetivamente a 2ª geração, é formado por jovens que nasceram nos Estados Unidos, filhos de pais brasileiros e que, portanto, têm cidadania norte-americana.

Esses jovens se inserem com diferentes *status* na sociedade americana. Os dois primeiros grupos são filhos de migrantes indocumentados e, portanto, são considerados ilegais e o terceiro grupo, formado de jovens que nasceram nos Estados Unidos, tem a cidadania norte-americana, independente do status legal de seus pais.

A segunda geração, ao acompanhar seus pais, num primeiro momento migra para estudar e só mais tarde começa a pensar trabalhar. Estudar em escolas públicas norte-americanas é considerado pelos pais uma grande oportunidade para os filhos, pois avaliam que as escolas são de qualidade e oferecem a educação pública até o final do ensino médio. Assim, “Fazer a América” para esses jovens implica num processo de inserção na sociedade americana e no seu sistema educacional de maneira mais efetiva que a primeira geração, pois entram em contato mais direto com a sociedade e a cultura norte-americana. Assim, quando

os filhos se encontram com os pais, há uma modificação do projeto migratório como veremos nos relatos dos jovens migrantes, que visa “dar aos filhos a oportunidade de estudar, aprender inglês e ter um futuro” como me disse o pai de uma adolescente.

Esses jovens até concluírem a *high school* (que corresponde ao ensino médio no Brasil), podem freqüentar as escolas públicas americanas, independente do status migratório. No entanto, ao concluírem essa etapa e procurar ingressar no *college* (equivalente ao ensino superior), o status migratório torna-se um impedimento para a continuidade dos estudos, pois os imigrantes indocumentados não têm acesso aos programas de bolsas de estudos, aos quais só podem concorrer cidadãos norte-americanos. Isso introduz uma diferença entre os jovens imigrantes, gerando aqueles que poderão entrar na universidade e aqueles que não conseguem concorrer às bolsas e têm que pagar como estudantes estrangeiros – o que torna muito caro o acesso à formação superior.

A pesquisa foi realizada com os filhos de brasileiros que migraram para Boston. Uma parcela das entrevistas foi realizada com migrantes da região de Criciúma, mas assim como o próprio fluxo migratório, contemplou migrantes oriundos de outras regiões do Brasil.

Como a migração de brasileiros é um fenômeno recente, a maior parte dos entrevistados nasceu no Brasil. Do total de 22 (vinte dois) entrevistados, apenas 7 (sete) nasceram nos Estados Unidos, os outros 15 (quinze) emigraram junto com os pais ou foram se encontrar com eles. Esse dado de natureza qualitativa indica a configuração de famílias brasileiras nos Estados Unidos e uma mudança no perfil da população migrante.

Como se trata de um movimento indocumentado, não há dados estatísticos precisos sobre os brasileiros que vivem nos Estados Unidos. Para tentar apreender dados sobre a segunda geração algumas pesquisas têm recorrido aos dados do Consulado Brasileiro (Assis, 2004; Sales e Loureiro 2004) do Departamento de Saúde Pública de Massachusetts (Sales e Loureiro, 2004).

Sales e Loureiro (2004) realizaram um levantamento no Departamento de Saúde Pública (DPH - Department of Public Health) de Massachusetts (1998-2001) do número de crianças com ascendência materna brasileira e compararam esses dados com o número de crianças registradas no Consulado-Geral do Brasil em Boston no mesmo período. Como pode observar na tabela 1, percebe-se, há uma disparidade nos registros do Consulado, que são inferiores aos registrados no "*Primary Care Perinatal Data Form*", formulário que é enviado ao DPH - *Department of Public Health (Bureau of Family and Community Health, Office of Statistics and Evaluation)*. Essa diferença pode ser explicada porque muitos imigrantes, quando têm seus filhos nos Estados Unidos, demoram a registrar (e em muitos casos não

registram) os filhos no Consulado brasileiro. Esse registro, muitas vezes só ocorre quando a família decide viajar ao Brasil. Mesmo assim, comparando os dados, tanto nos registros do Consulado quanto no Departamento de Saúde Pública de Massachussets, contata-se que há um crescimento dos brasileiros nascidos nos Estados Unidos.

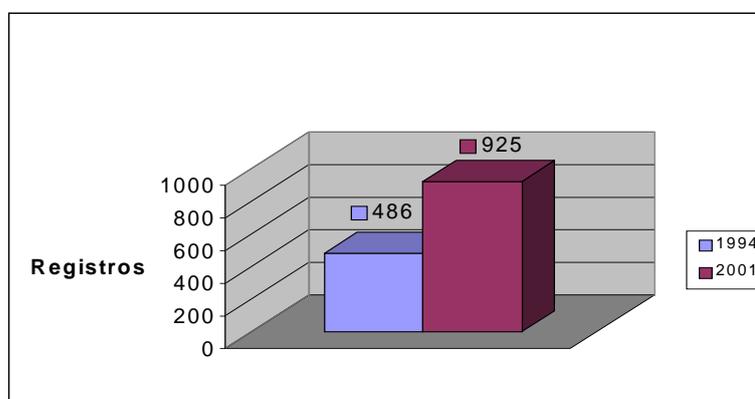
TABELA 1 – Crianças Registradas no Consulado do Brasil. (MA) 2003

Ano	Números do Consulado	Números do DPH	Taxa de crescimento – DPH
1998	463	683	
1999	644	799	17%
2000	708	1.033	29%
2001	697	1.282	24%
2002	696	-	
TOTAL	3.208	3.797	

Fonte: DPH – Massachusetts e Consulado-Geral do Brasil em Boston. Sales e Loureiro (2004).

Outros dados analisados anteriormente (Assis e Ihá, 2004), corroboram a mesma perspectiva de crescimento demonstrada por Sales. No gráfico 1 o crescimento das crianças brasileiras nascidas nos Estados Unidos é demonstrado através do levantamento no Consulado de Boston sobre os registros de nascimento de 1994 e 2001. Esses dados foram levantados para analisar o primeiro ano de funcionamento do Consulado em Boston e o ano no qual realizou-se a pesquisa de campo naquela cidade.

Gráfico 1 – Crianças brasileiras registradas no Consulado 1994 e 2001.



Fonte: Consulado Geral de Boston, 2001

A ampliação do contingente de emigrantes brasileiros produz diversas modificações na dinâmica do processo migratório. Além do aumento dos brasileiros registrados no Consulado e nos hospitais da região de Boston, vários jovens emigrantes partem para encontrar seus pais, num processo de reunificação familiar. No entanto, desde o momento da chegada enfrentam diferentes problemas de adaptação. Esses jovens chegam à “América” em situação indocumentada e sem o domínio da língua, assim como seus pais, contam para a sua inserção com o apoio oferecido pela atuação das redes sociais.

Para a geração dos pais, as redes sociais constituem-se num recurso valioso, um capital social que coloca em circulação informações cruciais para o migrante, principalmente o recém-chegado, sobre como conseguir a moradia, o emprego, escola para os filhos, e outras informações importantes para o estabelecimento no país de destino. Tais redes estabelecem um conjunto de relações que envolvem expectativa de ajuda mútua, ou seja, a atuação das redes sociais estabelece uma expectativa de reciprocidade, que nem sempre é correspondida, o que frequentemente gera conflito e queixas entre os imigrantes. No caso da primeira geração de imigrantes, como veremos a seguir, a atuação das redes é fundamental para compreendermos como um migrante, uma vez estabelecido acaba “puxando” outros migrantes, em geral, seus parentes, amigos e conterrâneos. No caso dos filhos da migração, como poderemos perceber, num primeiro momento, quando chegam aos Estados Unidos, migram através de suas redes familiares e, à medida, que se inserem na sociedade norte-americana vão constituindo outras redes de relações distintas das que trouxeram do país de origem. Assim, as redes se modificam ao longo do processo migratório, conforme já observou Tilly (1990), mas o que gostaria de ressaltar é a sua importância na consolidação do fluxo e criação dessa conexão entre a cidade de origem e os pontos no destino de Boston.

REDES SOCIAIS: O PORTO SEGURO DOS IMIGRANTES?

As teorias de redes sociais constituem uma das abordagens alternativas aos extremos da teoria neoclássica e do determinismo estrutural (Pessar, 1999; Boyd, 1989). Para as autoras, enquanto as transformações macroestruturais são compreendidas como desencadeadoras das pressões migratórias, as famílias e as redes sociais respondem a tais pressões e determinam quais membros dos domicílios e das comunidades realmente migram. Nesse contexto, a migração, articulada pelas redes sociais, também vai deixando de ser vista

apenas como decisão racional de um indivíduo para ser encarada como uma estratégia de grupos familiares, de amizade ou de vizinhança em que as mulheres inserem-se ativamente.

Segundo Tilly (1990), a nova onda de migração não pode ser explicada apenas pelos fatores de atração e repulsão que fazem as pessoas migrarem devido aos diferenciais de oferta de trabalho. No caso das migrações de longa distância, quanto mais estabelecidas encontram-se as redes, maiores chances tem o migrante no local de destino. Dessa forma, as redes sociais tornam-se um recurso precioso, pois se constituem em capital social³ que auxilia pessoas com poucos recursos, pouca experiência profissional e baixo nível de escolaridade na migração de longa distância (Portes, 1995; Pessar, 1999).

Segundo Massey e colaboradores (1987, p.139-40), as redes migratórias consistem em laços sociais que ligam as comunidades remetentes aos pontos específicos de destino nas sociedades receptoras. Esses laços unem migrantes e não-migrantes em uma rede complexa de papéis sociais complementares e relações interpessoais que são mantidas por um conjunto informal de expectativas mútuas e comportamentos prescritos. As relações em rede mais importantes são as baseadas no parentesco, amizade e origem comum, as quais são reforçadas por uma interação regular em associações voluntárias. No entanto, ao considerar as redes construídas apenas entre os homens, o estudo de Massey não observou como as redes sociais eram informadas por atributos de gênero e de parentesco.

Assim, quando Hondagneu-Sotelo (1994) analisou a inserção diferenciada de homens e mulheres mexicanas no processo migratório, a autora evidenciou como o gênero regula essas redes sociais. Castro (1989), analisando a literatura sobre mulheres latino-americanas e caribenhas, também ressaltou que os estudos de redes de parentesco demonstram como as mulheres são hábeis na criação de redes de apoio mútuo que orientam a alocação dos migrantes e sua integração no mercado de trabalho. A experiência de mulheres destaca-se, não apenas porque vivem experiências migratórias de forma própria, mas também porque são influentes agentes no estímulo a outras migrações.

As redes sociais constituem-se em laços informais que estabelecem obrigações e reciprocidades entre migrantes, onde os já estabelecidos oferecem ajuda a amigos, parentes, conterrâneos que pretendem realizar essa arriscada empreitada – a migração de longa distância - criando um campo de relações que conectam as sociedades de origem e destino dos fluxos. É interessante observar que essa ajuda circula entre os migrantes e aqueles que chegam, e por isso quem recebe a ajuda têm a obrigação ou a expectativa de retribuição num outro momento, fazendo circular as reciprocidades e ampliando os laços das redes.

Segundo Assis (2004) se, por um lado, a compreensão do processo migratório a partir do enfoque nas redes sociais aponta para a importância das relações de solidariedade que os migrantes constroem entre a sociedade de origem e a de destino, o que os auxilia nos primeiros momentos da vida em um novo lugar, por outro, revela também que essas são fonte de ambigüidade e conflito (Tilly, 1990; Hondagneu-Sotelo, 1994; Hagan, 1998; Pessar, 1999). Em decorrência disso, muitas vezes os migrantes recém-chegados são explorados por seus conterrâneos; assim, tais relações seriam a base não só para a solidariedade e a ajuda mútua, mas também para a divisão e o conflito étnico (Tilly, 1990). Os imigrantes brasileiros quando falam das relações no interior da comunidade brasileira em diferentes contextos reclamam da falta de solidariedade ou que ajudaram alguém que depois não retribuiu a ajuda. As pesquisas de Margolis (1994) e Martes (1999) também apontam para essa queixa de falta de solidariedade entre os imigrantes brasileiros. No entanto, o que gostaria de ressaltar é que, apesar da ambigüidade que caracteriza essa ajuda, seus conflitos e competição, essas relações construídas em redes articulam e consolidam o processo migratório.

Nesse sentido a constituição de redes sociais, ao longo do processo migratório como um todo, não está ligada apenas aos fatores estruturais ou conjunturais da economia local ou mundial. A continuidade do fluxo ou a modificação deste tem íntima ligação com as redes sociais, as quais foram geradas ao longo do movimento e, de certa forma, também o geraram.

Assis (2004) ressalta que: “ao centrar a análise na construção e na consolidação das redes sociais dos emigrantes criciumenses, não se pretende desconsiderar os fatores estruturais que motivam a emigração e sim ressaltar as múltiplas relações construídas entre os dois lugares ao longo do processo migratório”. Quando os jovens migrantes partem para se reencontrar com seus pais ou familiares, o fazem apoiados principalmente em redes de parentesco e amizade, o que atenua os riscos da migração de longa distância. Assim, esses jovens ao migrar têm informações para onde ir, como chegar, onde e com quem ficar, apoio religioso, e tantas outras formas de ajuda ou *help* que criam as conexões entre os dois lugares, estabelecendo um porto seguro para aqueles que chegam. No entanto, é interessante observar que se essas redes são importantes no momento de migração e nos primeiros tempos, com o passar do tempo os jovens constroem suas próprias redes e se distanciam um pouco das redes que se utilizaram para migrar, construindo relações que se distinguem das redes acionadas pelos pais. Os espaços de sociabilidade desses jovens - a escola, o shopping, a Igreja e o trabalho - são os locais onde constroem suas relações.

Embora esses filhos da migração tenham contatos com o Brasil, a forma como constroem seus laços é através de seus pais. Um dado interessante que emerge das entrevistas

é que os contatos com o Brasil são mais esporádicos na segunda geração do que na geração dos pais. Os pais falam por telefone ou e-mail pelo menos uma vez por semana com o Brasil. Os filhos da imigração relacionam-se com o Brasil, recebem notícias dos parentes, através dos relatos dos pais e de contatos, nem sempre freqüentes, via internet com primos e amigos que ficaram no Brasil. Esse é um aspecto interessante, pois embora eles tenham lembranças e contatos com o Brasil, local onde eventualmente passam as férias, tais laços em seus depoimentos parecem mais frouxos que os laços que ligam os seus pais ao Brasil. Nesse sentido a experiência de viver nos Estados Unidos faz com que seus laços sociais se construam entre os amigos da escola ou do trabalho, em sua grande maioria, brasileiros configurando outras redes de relações sociais.

ENTRE O DUNKIN DONUTS E O COLLEGE: AS ESCOLHAS DA SEGUNDA GERAÇÃO

A trajetória de Joana⁴, uma jovem de 17 anos que nasceu nos Estados Unidos e é filha de pais brasileiros, é ilustrativa dos dilemas da segunda geração. Conversei com Joana na casa de seus pais, em Framingham, em duas manhãs de sábado, antes dela ir para o trabalho num fast-food. A mãe, como grande parte das mulheres imigrantes brasileiras, trabalha com faxina e o pai trabalha na construção civil. A mãe conseguiu legalizar-se, mas o pai, por ter entrado pelo México, não consegue se legalizar.

Joana está na *high school* de Framingham e fala fluentemente o inglês, o português ela fala bem, mas não escreve com a mesma facilidade. Em casa, com os pais, conversa em português, mas entre as amigas da escola, mesmo as brasileiras, fala mais inglês. Joana já foi várias vezes ao Brasil, sempre para a casa dos parentes. No entanto, no último verão viajou sozinha com uma amiga para a Bahia e gostou muito, pois era inverno em Boston e ela “curtiu” o calor, as cores e as roupas - segundo seu relato, bem diferentes do modo de vestir americano, mais alegres, mais justas, mais coloridas, calças baixas e camisetas curtas. Embora não pense em viver no Brasil, gosta de ir visitar a família e também de passear.

Na escola Joana é considerada uma boa aluna, não está entre as primeiras, mas se sai bem. Gosta das aulas de artes e pretende ser professora de Educação Artística. Durante a entrevista mostrou-me com entusiasmo alguns de seus trabalhos produzidos em aula. Os pais se preocupam (um pouco) com essa “pouca ambição” da filha: segundo eles, seria

interessante que ela fizesse um curso que lhe rendesse melhor remuneração e status, já que ela, sendo cidadã americana, poderia se habilitar a concorrer uma bolsa para o *college*.

Quando me falava de seu desejo de continuar a estudar, Joana comentou que estava escrevendo uma carta para “aplicar” (do verbo *to apply*, que significa submeter-se a uma seleção) e que nessa carta pretendia falar da América como um lugar acolhedor para os imigrantes, pois ela, como muitos americanos, é filha de imigrantes, pretendia ainda contar um pouco da trajetória de migração dos pais, de sua luta na “América” e de como era importante para ela conseguir uma vaga na universidade, como forma de concretizar o sonho dos pais.

Os discursos de Joana e de seus pais evidenciam a representação que os migrantes brasileiros (e outros imigrantes) têm dos Estados Unidos como terra de oportunidades, como país de imigrantes. Quando ouvia seu relato, lembrei-me de um filme recente, *Spanglish*⁵, no qual a filha de imigrantes mexicanos envia uma carta para submeter-se à seleção em uma universidade. No filme, a candidata relata a trajetória da mãe que cruzou a fronteira do México e conseguiu levá-la, colocá-la para estudar, aprender inglês e finalmente chegar ali, naquele momento, e pedir uma vaga na universidade, concretizando o seu sonho de “fazer a América”. Assim, se para os pais “fazer a América” significava adquirir a casa própria, enviar remessas para o país de origem e ter acesso a bens de consumo, quando os filhos avançam na escola e chegam na *high school*, esse projeto se amplia e passa a significar a possibilidade de tentarem a universidade, o que, para alguns pais, vai representar a realização do sonho americano – a terra de oportunidades.

As entrevistas realizadas em fevereiro de 2006 possibilitaram traçar um perfil qualitativo dessa segunda geração, evidenciando seus problemas e perspectivas. Foram entrevistados 22 jovens, provenientes de diferentes locais de origem no Brasil e vários que nasceram nos Estados Unidos. O fato de vir como imigrante ou nascer nos Estados Unidos pode significar a diferença entre ter acesso ao *college* ou não, entre trabalhar e estudar, entre o projeto de retornar ao Brasil ou de permanecer nos Estados Unidos. Ou seja, para a segunda geração a questão do status migratório passa a ter um peso que não tinha para os seus pais. A questão do acesso à ao ensino superior é importante, porque assim como outros grupos imigrantes estabelecidos há mais tempo nos Estados Unidos, é através do melhor conhecimento da língua, da ampliação do capital escolar, bem como uma maior inserção na sociedade americana que os filhos dos imigrantes poderão realizar o desejo de mobilidade social dos pais - esse é o *dom* que muitos pais querem repassar aos seus filhos.

Esse desejo dos pais de que os filhos participem da escola é compartilhado por outros grupos imigrantes. Segundo Suárez-Orozco & Suárez-Orozco (2001), numa pesquisa realizada com vários grupos imigrantes, demonstra como os pais e os filhos dos grupos imigrantes têm clara consciência da importância da educação para seu sucesso no futuro. Os autores apresentam como exemplo os relatos semelhantes de um pai dominicano e um pai chinês, que de diferentes maneiras diziam para seus filhos: “studying, learning english, going to *college* e becoming a professional”⁶. É por isso que nos discursos dos pais com os quais conversei, estes também reforçavam a importância dos filhos continuarem a estudar como uma forma de aproveitar as oportunidades que recebem no país de emigração, pelo menos até o final da *high school*.

Ao participar da escola e de outras instituições sociais, a segunda geração enfrenta obstáculos para sua adaptação e efetiva inserção na nova sociedade. O enclave imposto pelas diferenças entre os sistemas educacionais brasileiro e norte-americano, a discriminação e racismo contra grupos migrantes, geram uma crise de identidade nas crianças e jovens brasileiros. Os filhos de imigrantes, independente do status migratório, têm acesso às escolas públicas norte-americanas até o final da *high school*. Essas escolas, inicialmente, preparam os alunos para o mercado de trabalho que, em geral, tem poucas perspectivas de mobilidade social. Somente no *college* há uma maior qualificação e especialização para o mercado de trabalho. No entanto, faz-se necessário ressaltar uma questão primordial – o ingresso no *college*, com direito de tentar uma bolsa que possa cobrir os custos anuais que são caros, é somente para os norte-americanos ou cidadãos naturalizados, ficando para o restante desse grupo a opção do mercado secundário de trabalho.

Sales e Loureiro (2004) apresentaram como ilustração, o valor cobrado por *community colleges* norte-americanos estes cobram em média anuidades de US\$ 1.600,00 dos estudantes residentes e de US\$ 4.000,00 dos não-residentes. Ainda exemplificando os custos, as referidas autoras apresentaram o dado das anuidades cobradas pelo Mass Bay Community College cujos valores são ainda mais elevados o custo seria de US\$ 7.200,00 para os estudantes não-residentes e de US\$ 2,256.00 para os residentes. Esses valores tornam muito difícil para as famílias imigrantes custearem o estudo dos filhos, quando estes não têm o status legal, o que atinge particularmente a geração 1.5, cujos pais, em sua maioria ainda são indocumentados.

Diante da impossibilidade de ir para o *college*, muitos jovens sentem-se desestimulados em prosseguir os estudos e acabam parando de estudar para trabalhar, o que pode significar que os filhos permaneçam nos mesmos patamares de emprego dos pais, dificultando, assim, a ascensão social sonhada pela primeira geração.

Vejamos algumas trajetórias que exemplificam essa situação e o dilema que se configura para a segunda geração. Entre os filhos de emigrantes entrevistados, apenas dois estavam freqüentando o *college*, enquanto a maioria que já tinha concluído a *high school*, mas ainda não havia conseguido entrar, ou não pretendia entrar por já estar trabalhando.

Walter é um jovem de 22 anos, natural de Governador Valadares (MG), que emigrou em 2000 juntamente com a sua família para os Estados Unidos. Concluiu a *high school* e entrou na luta para mudar a lei que impede os filhos de emigrantes de conseguirem bolsa para o *college*, participou juntamente com outros imigrantes latinos da campanha do MIRA – Massachusetts Immigrant and Refugee Advocacy Coalition - em 2005, pelo direito de acesso dos filhos de imigrantes ao ensino superior. Walter, mesmo na condição de indocumentado, foi uma das lideranças desse movimento.

Walter aprendeu a falar inglês bem e não pretende voltar ao Brasil, a não ser para passear, por isso luta para conseguir continuar os estudos, pois para ele essa é uma maneira de ir além da trajetória de seus pais, ambos trabalhadores nos serviços típicos de imigrantes: o pai trabalha na construção civil e a mãe na faxina. Walter atualmente trabalha num local de grande fluxo de turistas e atua também na MIRA. Quando chegou aos Estados Unidos não falava inglês e levou dois anos para aprender bem a língua.

O que mais impressionou em sua chegada foi que nos Estados Unidos há um reconhecimento pelos que tinham bom rendimento na escola, embora tivesse enfrentado dificuldades por não saber nada de inglês quando chegou. Por outro lado, se surpreendeu com a rigor das leis norte-americanas e com o fato de as coisas nos Estados Unidos funcionarem e não haver “jeitinho brasileiro”.

No entanto, ao mesmo em tempo que ressalta a importância que a escola dá ao rendimento escolar, ao comparar o ensino médio no Brasil com a *high school*, afirmou que o nível do ensino só aprofunda no *college* e não na *high school*, a não ser que se vá para a escola privada para fazer o ensino médio. Para ele, as escolas bilíngües são mais fáceis que as escolas regulares. Essa observação também foi feita por outros estudantes entrevistados e pelos seus pais.

Num estudo de Motta 2004, com 12 famílias de imigrantes brasileiros, a autora também constata que os pais ficam insatisfeitos com o resultado, pois consideram as escolas bilíngües com uma prática pedagógica ineficiente com relação à materiais didáticos e seleção de professores, bem como com baixo nível de exigência em relação ao rendimento escolar.

Walter ainda observa que, embora tenha percebido que os professores se interessam pelos alunos na escola, à medida que avançam no sistema escolar e se aproximam da

finalização da *high school* e os alunos começam a buscar as informações para o *college*, esse interesse se torna mais distante e nesse momento a condição de imigrante indocumentado pesa. Walter descobriu isso quando estava finalizando a *high school* e foi desestimulado pelos professores a tentar o *college* por seu status migratório. Esse relato evidencia o lugar dos imigrantes no sistema educacional e na sociedade norte-americana.

No relato de Walter podemos perceber a discriminação e o lugar que é reservado aos filhos de imigrantes. Segundo ele, os professores pensam que os alunos devem saber falar em inglês, mesmo que não esteja adaptado. Alguns afirmam que imigrante não tem futuro. Walter ouviu de muitos professores que ele não iria conseguir, que era bobagem estudar, porque não poderia entrar no *college*.

A experiência de Walter quando estava finalizando a *high school*, nos revela que embora a escola bilíngüe contribua para um acolhimento menos traumático à sociedade de imigração, conforme observou Motta (2004), o programa em sua grande maioria não consegue desenvolver um bilingüismo estável e conduz, a longo prazo, para a perda da língua materna. Por isso mesmo, há pouca expectativa em relação ao rendimento escolar dos alunos.

Apesar da pouca expectativa em relação ao seu futuro por parte dos professores e colegas, Walter não desistiu. A experiência escolar, o duro aprendizado da língua, a percepção do preconceito em relação aos seus pais que não falam inglês e também com ele, que fala inglês com sotaque, foi constituindo Walter, como um jovem ativista que luta pelos direitos dos imigrantes. No ano de 2005 participou do movimento por mudança na lei que permita a entrada de imigrantes no *college*. Assim como outros estrangeiros que lutam politicamente pelos direitos dos imigrantes, diz que é imigrante indocumentado, mas não se considera ilegal, pois ele não considera que cometeu nenhum crime a não ser o fato de não ter documentos. A história de Walter é reveladora das dificuldades e das lutas dessa geração 1.5 e que envolvem o futuro dessa geração.

Um outro relato interessante é o de Letícia: tem dezoito anos, emigrou há quatro anos para os Estados Unidos para se encontrar com a irmã e a mãe e mora atualmente em Framingham, onde trabalha numa igreja protestante brasileira como secretária e está concluindo a *high school*, é indocumentada. Quando perguntada sobre os Estados Unidos, diz que é o país de oportunidades e que por isso a mãe decidiu levá-las, para que pudessem aprender inglês e entrar no *college*. No entanto, também não pode se candidatar, embora seja inclusive jogadora de vôlei na escola, o que poderia lhe render uma bolsa de estudos se fosse imigrante legal.

Nesse ponto perguntei-lhe como se sentia nesse “país de oportunidades” sem conseguir ir para o *college*. Letícia comentou que estava se formando na *high school* e sabia que seus colegas teriam a oportunidade de ingressar no *college*, mas que ela e outros não poderiam nem tentar. Disse “*isso dói muito porque tinha eu conseguido um tipo de bolsa que era para pagar depois de formada, mas vou poder ir por causa da documentação, pois é apenas para quem tem green card*”. Vê seu esforço perdido, porque quando chega ao fim da *high school* não poderá mandar sua “aplicação” por não ter a carta.

Letícia, desencantada com a possibilidade de não continuar a estudar, pensa em voltar para o Brasil para estudar, porque quer fazer faculdade. Terminou essa parte do depoimento falando que está muito desmotivada - diferentemente de Walter, não está na luta pelo acesso à educação. Quando perguntei-lhe sobre o movimento pró acesso à ao *college*, disse-me que acompanhou o debate, mas que não participou das caravanas que foram a Boston e depois a Washington, tentando pressionar deputados e congressistas para mudar a lei..

Diferentemente de Walter e Letícia, Guilherme (19 anos), natural de Tubarão (SC), emigrou com 12 anos para os Estados Unidos e agora já está ingressando no *college*, foi um aluno de *honors class* – uma classe dos melhores alunos na *high school* e conseguiu bolsa para estudar, também já conseguiu se legalizar, através do pai, o que torna suas perspectivas mais concretas de prosseguir os estudos. A conversa ocorreu em Sommerville, juntamente com outras duas amigas: Renata (19 anos), que nasceu nos Estados Unidos e está terminando a *high school* e Betina (19 anos) natural de Mantena (MG) que está concluindo a *high school*, também é uma das primeiras alunas da classe, mas sem perspectivas ainda de entrar no *college*, pois sua mãe ainda não conseguiu legalizar-se. Nos relatos a seguir eles relatam suas experiências e analisam a vida escolar no *middle school* e na *high school*.

Guilherme considera que sofreu mais discriminação na *middle school*, pois foi quando chegou e ainda não falava inglês e isso era motivo de discriminação entre os norte-americanos e os brasileiros estabelecidos há mais tempo. Atualmente fala um inglês quase sem sotaque (*accent*) e, como é branco, diz que às vezes é confundido com norte-americano. À medida que o seu inglês melhorou ele conseguiu se relacionar mais com os norte-americanos, mas seus amigos mais próximos são todos brasileiros. Comentou ainda que na *high school* acentua o crescimento de gangues. Diz que havia duas gangues (uma de imigrantes haitianos e outra onde predominavam imigrantes de El Salvador) na escola onde estudava. Os brasileiros, às vezes, entram nessas gangues, mas não relataram gangues específicas de brasileiros.

Quando tentavam analisar porque os jovens se organizavam em gangues, os três foram unânimes em dizer que essas gangues, em geral, eram formadas por alunos que tinham baixo

rendimento escolar e, em alguns casos, ficavam na rua sozinhos. A mesma explicação também é dada por educadores, lideranças políticas e religiosas. Esse é um temor comum entre os pais e educadores brasileiros, e presente também em outros grupos imigrantes, mas até o momento, não é a situação mais problemática para os brasileiros. A questão que se coloca para eles, efetivamente, quando chegam ao final do *high school*, é se terão a possibilidade de continuar a estudar ou terão que começar a trabalhar.

Com relação às dificuldades com a língua, o relato de Guilherme é interessante. Segundo ele, que emigrou aos 12 anos, a família era considerada de classe média no Brasil. Ele conta que a família no Brasil vivia bem, o pai tinha uma farmácia e a mãe era professora. No entanto, a farmácia do pai faliu e eles decidiram migrar para os Estados Unidos - sem projeto de retorno definido para o Brasil. Uma primeira dificuldade que ele observou foi a mudança de status social/profissional, pois os pais viviam bem no Brasil, tinham estilo de vida de classe média e nos Estados Unidos tiveram que começar a limpar casas, não faziam muito dinheiro.

Segundo Guilherme a adaptação lingüística por a mais difícil, tanto para os pais quanto para ele. Na escola ouvia muitas piadas, não muito claras, sobre seu inglês, só com o passar do tempo e o aprendizado da língua que começou a entender quando estavam “tirado um sarro” dele, eram “gracinhas” não muito explícitas. Diz que na escola, na cafeteria, os norte-americanos sentam-se de um lado e os demais grupos de imigrantes de outro, tipo de discriminação inicialmente não perceptível.

No entanto, apesar da discriminação inicial, pelo fato de não falar inglês, diz que teve também experiências positivas, pois no Brasil talvez não tivesse as mesmas oportunidades de conhecer pessoas de lugares diferentes, nos Estados Unidos teve contato com pessoas da China, da Coréia, do Haiti.

Um outro relato de discriminação veio de Taís, 21 anos, que está no *college*. Ela é filha de pai norte-americano e de mãe brasileira. Diferente dos outros entrevistados, não vive na área de imigrantes brasileiros e não convive com a comunidade brasileira, por isso, seu português é com sotaque. Durante a entrevista, em alguns momentos falou em inglês, pois conseguia se expressar melhor. Por compreender muito bem o inglês, tinha uma percepção muito clara da discriminação em relação aos imigrantes. Ela contou muito emocionada que uma das coisas mais difíceis para ela era ver que discriminavam a mãe, que mora há mais de 20 anos nos Estados Unidos e ainda tem sotaque, e que a tratavam, às vezes, como alguém ignorante por não falar perfeitamente o inglês.

Baseada nas entrevistas realizadas em Boston, junto a estudantes e profissionais da área educacional, pôde-se observar diferenças entre a educação brasileira e a americana. Não apenas no modo de se vestir ou no conteúdo curricular, mas principalmente na maneira dos estudantes se comportarem junto aos colegas, na questão da corporalidade, mais especificamente no hábito do toque. Entre os jovens brasileiros, roupas um pouco mais justas para meninas, abraços e pequenos carinhos como apertos de mão ou mesmo se tocar, sentarem-se mais próximos, não é estranho. No entanto, na escola americana a distância social é mais ampla e os estudantes têm que aprender a tomar certa distância dos outros, essas situações geram em alguns momentos distinção e recriminação e conflitos dentro e fora das escolas, criando uma crise de identidade nas crianças e jovens brasileiras.

Além da questão da corporalidade, outro fator muito importante é a qualidade do ensino americano. As escolas americanas priorizam a qualificação do estudante e suas aptidões, e não o seu conhecimento, como acontece no Brasil. Contudo, as crianças ou jovens brasileiros, ao ingressarem no sistema educacional norte-americano (bilíngüe ou não), normalmente passam por constrangimentos, ocasionados por uma barreira imposta pelo desconhecimento da língua inglesa, dos costumes e do comportamento, que são muito diferentes nos dois países.

Na escola e em outros espaços de sociabilidade, os brasileiros, como outros grupos imigrantes, são constantemente questionados sobre sua origem étnica. Esta é uma questão que está colocada tanto para a geração dos pais, quanto para os filhos da migração. A sociedade norte-americana tende a classificar os grupos imigrantes a partir de seu sistema de étnico/racial o que coloca para os imigrantes brasileiros questões que não se colocavam no Brasil. Assim, quando são questionados, ao preencher um formulário na escola ou no trabalho, qual a sua origem étnica ou qual sua raça os imigrantes tanto da primeira quanto da segunda geração sente dificuldade de se classificar. Em geral os brasileiros são vistos pela sociedade norte-americana como hispânicos ou latinos e como não brancos. Os brasileiros por sua vez, não gostam de se identificar como latinos ou hispânicos, pois esses grupos são associados com grupos migrantes problemáticos e os brasileiros construíram nos Estados Unidos uma imagem de povo trabalhador, conforme também observou Sales (1999).

É interessante observar que entre os jovens entrevistados, mesmo aqueles envolvidos com lutas políticas ou organizações de migrantes juntamente com outros grupos imigrantes, não gostam de se identificar nem como hispânico, nem como latino. Essa questão já tinha sido observada nos trabalhos de Marrow (2003) e Martes (2003), e revela que os filhos dos

imigrantes reproduzem o preconceito dos pais em relação aos hispânicos e constroem a identidade étnica enfatizando elementos da identidade nacional.

Nos Estados Unidos o comércio étnico, as igrejas, as novelas exibidas pela TV a cabo e as festas brasileiras contribuem para reconstruir esses pequenos brasis na região de Boston e constituem para os imigrantes um espaço de afirmação e de pertencimento étnico. As missas e cultos são celebrados em português e num estilo considerado brasileiro (mais alegre e festivo); os restaurantes têm as fachadas pintadas em verde e amarelo com cardápios escritos em português e com tradução para o inglês e servem a culinária considerada tipicamente brasileira; nos comércios étnicos os produtos brasileiros os mais diversos desde sabonete pbebo, produtos natura, farinha para polenta, guaraná antártica, goiabada cascão, calças jeans, roupas no estilo brasileiro; e os produtos de mídia: jornais produzidos nos EUA e jornais e revistas brasileiros, Dvd de programas brasileiros e as novelas transmitidas pela TV a cabo mantém a ligação com o Brasil. É nesse cenário de reconstrução de brasilidade que os pais e os filhos transitam, e reconfiguram suas identidades entre o Brasil e os Estados Unidos.

Assim, a questão do pertencimento étnico torna-se mais complexa para a segunda geração, pois como domina melhor o idioma (inglês) e participa da vida americana, também assimila visões de mundo da cultura norte-americana, o que coloca em questão a própria relação com o Brasil – terra de seus familiares e para onde já não têm certeza se desejam voltar, como é o projeto de seus pais.

Alguns desses jovens, como Rafael, natural de Criciúma (SC), e Daniel, natural de Governador Valadares (MG), também imigrantes indocumentados e ambos com 17 anos, não têm tantas aspirações em relação ao *college*. Rafael trabalha com o pai na construção civil e está terminando a *high school*, mas não tem muitas pretensões de continuar a estudar. Tem amigos brasileiros e norte-americanos, mas se envolve mais com os brasileiros e pensa em trabalhar e juntar dinheiro.

Daniel, da mesma idade, já parou de estudar, migrou há 3 anos e entrou na escola bilíngüe, achou muito fácil e pediu para ir para a escola regular, onde não conseguiu acompanhar os estudos na classe com todas as aulas em inglês e desistiu de estudar. Embora fale inglês, Daniel ainda não é fluente e isso o desestimula a continuar a estudar. Além disso, começou a trabalhar com a mãe ajudando-a na faxina, ganhando o seu próprio dinheiro, o que acabou por deixá-lo menos interessado ainda na escola, a qual foi abandonada, sem que concluísse a *high school*.

Esses breves relatos mostram diferentes experiências da segunda geração em relação ao processo de escolarização e aponta para um dado significativo. A maioria dos entrevistados

trabalha *part-time*, ou seja, uma parte do dia e ganha entre US\$ 65,00 a US\$ 200,00 por semana. Com esse rendimento conseguem certa autonomia financeira, alguns têm carros, o que, quando comparado com jovens no Brasil, pode sinalizar para uma maior independência. No entanto, a questão que se coloca para essa geração é que se o rendimento é interessante quando se é adolescente, com o passar dos anos ele não tem muitas perspectivas de mobilidade social se não conseguir uma melhor qualificação. Portanto, podemos dizer que esses filhos da migração estão divididos entre o *Dunkin Donuts* e a luta pelo acesso ao *college*.

Por fim, essa tentativa de inserir-se na sociedade norte-americana coloca para os jovens imigrantes outras questões com as quais seus pais não se defrontaram, pois esses jovens transitam entre duas culturas e têm que apreender seus significados, assim são confrontados com diferentes normas e valores sociais, formas de organização social, vida escolar, sistemas de classificação étnica/racial, visões de mundo o que faz com que reconstruam suas identidades entre os dois lugares - entre o Brasil e os Estados Unidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O reconhecimento da própria identidade e o pertencimento ou não a determinados padrões étnicos são dúvidas recorrentes da população imigrante. A análise e o estudo comparativo entre as gerações colaboram para um maior entendimento acerca das transformações da economia globalizada e seu impacto na mobilidade humana atual, além de definir a importância do Brasil neste contexto, já que o país passou a integrar o conjunto de países que há muito tempo são considerados como fornecedores de mão-de-obra para o primeiro mundo.

Neste caso, se faz extremamente necessário o aprofundamento de estudos acerca dos enfrentamentos que os imigrantes, principalmente os brasileiros, experimentam nos Estados Unidos, onde os filhos da migração travam uma luta diária na tentativa de maior inserção na sociedade norte-americana.

O cotidiano destes jovens, nesse novo espaço construído, demonstrou uma diferenciação no desenraizamento e nos modos de assimilação cultural e lingüística. Entre a geração 1.5 e a geração 2.0 são diferentes as expectativas em relação à vida na “América”, pois entre trabalhar e estudar muitos escolhem trabalhar para garantir acesso aos bens de consumo da sociedade norte-americana que concretizam o sonho americano.

A pesquisa demonstrou a crescente presença de filhos de migrantes na jornada migratória, tanto na travessia quanto na reunificação familiar, dando ênfase na importância das redes sociais para a consolidação do fluxo migratório brasileiro. Contudo não apresenta as redes sociais como fonte segura de reconhecimento legal e mobilidade social.

A segunda geração vive outra experiência de inserção social, pois aprendem melhor o inglês e vivenciam a cultura americana. Além disso, muitos deles nasceram nos Estados Unidos e não mantêm a mesma identidade brasileira que seus pais, vivenciando, portanto, uma nova identidade, que transita entre o Brasil e os Estados Unidos. A segunda geração, diferentemente da primeira geração de migrantes, tem experiências diversas em relação à migração, pois entram em contato mais efetivo com a cultura americana e aprendem mais rapidamente a nova língua, principalmente por meio da escola, também vivenciam outros espaços de sociabilidade, quando saem com os amigos onde contato com os norte-americanos e com outros imigrantes latinos é mais intenso. Dessa forma, os jovens da geração 1.5 e da segunda geração, em relação à geração dos pais, não possuem os mesmos laços afetivos com o Brasil. Para alguns desses jovens, o Brasil ficou distante na lembrança, muito mais conhecido pelas conversas com os parentes, pelos canais de TV brasileiros, pelas notícias que chegam do Brasil daqueles que chegam para passear ou para ficar e por eventuais viagens de férias ao Brasil.

Por outro lado, os filhos dos imigrantes enfrentam de maneira mais dramática a perspectiva de mobilidade social do que seus pais. Os pais quando migraram tinham como projeto, além de investimentos no Brasil, dar um novo dote para seus filhos: o estudo e melhores oportunidades de vida do que no Brasil. Esse é um discurso muito presente entre os pais: afirmam que os filhos chegam e mesmo indocumentados, têm acesso à escola pública. No entanto, essa questão torna-se problemática quando os filhos concluem a *high school*, pois o que seria uma oportunidade torna-se uma limitação, já que os filhos não podem continuar a estudar quando são indocumentados e muitos, mesmo tendo a cidadania americana, não são estimulados a prosseguir os estudos porque cedo começam a trabalhar e ganhar o próprio dinheiro. Essa é uma contradição e um limite do projeto migratório, pois uma grande parcela desses jovens entre a universidade e o mercado de trabalho acaba se inserindo no mesmo mercado de trabalho secundário dos pais.

Essa contradição muitas vezes não é percebida pelos emigrantes, pois esses jovens conseguem com o salário semanal (cerca de U\$S 300,00) comprar um carro usado, aparelhos eletrônicos, ir ao cinema, pagar um jantar, a saída com amigos. Os jovens, ao afirmarem que conseguem se inserir no mercado de consumo, sugerem uma cidadania que se vincula à

capacidade de consumo. A inserção dentro da sociedade americana, muitas vezes referenciada como inserção através do consumo, sugere uma aparente mobilidade social. Porém, ao compararmos com as possibilidades efetivas da família norte-americana, fica claro que está aquém do objetivo inicial de mobilidade imaginada pelos pais. Portanto, ao buscar o consumo como forma de americanização e ainda manter traços da cultura original brasileira, essa geração vivencia o dilema entre ser ou não ser *brazilian-american*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Gláucia de Oliveira. *De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Universidade Estadual de Campinas Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Unicamp, Campinas, 2004. 340 p.

_____. “Os novos fluxos de migração internacional da população brasileira e as transformações nas redes familiares e de gênero”. In: *Fronteiras Cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. MARTES, A.C.B. e FLEISCHER, Soraia. R.(org.). São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 199-230.

_____ e Ihá, Natália Cristina. *A segunda geração de emigrantes brasileiros para os Estados Unidos*. Relatório Final de Pesquisa, Florianópolis, 2004.

BOYD, Monica. “Family and Personal Networks in international migration: recent developments and new agendas”. *International Migration Review*. 23(3),1989, p.639- 669.

CUMMINS, Jim. DANTAS, Wendel. (trad.) *Língua mãe das crianças bilíngües: por que é importante para a educação*. Universidade de Toronto. <http://www.bilinguismo.org/ensaios.php> Terça, 01 de Março de 2005 | 3:34

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Schröeter, M. (trad.). RIBEIRO, Vera. RIBEIRO, R.J. (revisão e notas). Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1994.

GENESE, Fred. DANTAS, Wendel. (trad.) *Aquisição bilíngüe*. <http://www.bilinguismo.org/ensaios.php> Terça, 01 de Março de 2005 | 3:34

MASSEY, Douglas, Alcaron, Rafael, Durand, Jorge and Gonzalez, Humberto – The social organization of migration, In: _____ *Return to Aztlan – the social process of international migration from Western Mexico*, Berkeley, University of California Press, 1987, pg.139-171.

MARTES, A.C.B. e FLEISCHER, S.R. (org.) *Fronteiras Cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MARROW, Helen. To be or not to be (hispanic or latino): brazilian racial and ethnic identity in United States. *Ethnicities*, London, Sage Publications, v. 3 (4), p. 427-464, 2003.

MENEZES, Gustavo Hamilton. Brasileiros “Filhos da imigração: sobre a segunda geração de imigrantes nos Estados Unidos”. MARTES, A.C.B. e FLEISCHER, S.R. (org.) *Fronteiras Cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p.157-175.

MEY, Jacob L. “Etnia, identidade e língua”. In: SIGNORINI, Inês (org). MORAES, Maria da Glória de. (trad). *Língua (gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 1998.

MOTTA, Kátia. Aulas de português fora da escola: famílias imigrantes brasileiras, esforços de preservação da língua materna. *Caderno Cedes*, Campinas, vol.24, n.63, p.149-163, mai/ago, 2004.

PESSAR, Patricia R. “The Role of Gender, households, and social networks in the migration process: a review and appraisal”. In: HIRSCHMAN, C, KASINITZ, P. and DEWIND, J. (Editors). *The Handbook of international migration: the American experience*. New York, Russell Sage Foundation. 1999. p. 51-70.

PORTES, Alejandro. Economic sociology and the sociology of immigration: a conceptual overview, in PORTES, Alejandro (ed.), *The economic sociology of immigration – essays on networks, ethnicity and entrepreneurship*, NY, Russell Sage Foundation, 1995, p.1-41.

PORTES, Alejandro & RUMBAUT, Rubén G. *Immigrant America: a portrait*, Berkeley, University of California Press, 1996.

PORTES, Alejandro e RUMBAUT, Rubén G. Lost in translation: language and the new second generation. In: *Legacies: The story of the immigrant second generation*. University of California Press: Berkeley, Los Angeles, London, 2001. p.113-147.

PORTES, Alejandro e RUMBAUT, Rubén G. Not everyone is chosen: segmented assimilation and its determinants. In: *Legacies: The story of the immigrant second generation*. University of California Press: Berkeley, Los Angeles, London, 2001. p. 44-69.

TILLY, Charles. Transplanted Networks, in YANS-Mc LAUGHLIN (ed.), Virginia, *Immigration Reconsidered*, NY, Oxford, Oxford University Press, 1990, pg. 79-95.

SALES, Teresa. Segunda geração de emigrantes brasileiros nos Estados Unidos. In: CASTRO, Mary Garcia (coord.). *Migrações internacionais: contribuições para políticas*. Brasília: CNPD, 2001. p. 361-374.

SALES, Teresa e LOUREIRO, Márcia. *Imigrantes brasileiros adolescentes e de segunda geração em Massachusetts, EUA*. Revista Brasileira de Estudos de População, Campinas, vol. 21, n. 2, p.217-239, jul-dez, 2004.

SUÁREZ-OROZCO, Carola & SUÁREZ-OROZCO, Marcelo. The Children of immigration in School. In: SUÁREZ-OROZCO, Carola; SUÁREZ-OROZCO, Marcelo M. *The Children of immigration*. Cambridge, Massachusetts and London, Harvard University, 2001, p. 124-153.

SAYAD, Abdelmalek. Uma família deslocada. IN: BOURDIEU, Pierre. (org). *A miséria do mundo*. 4 ed. São Paulo: Vozes, 2001, p.35-51.

NOTAS DE FIM:

¹ Este artigo é uma versão modificada do relatório final de pesquisa “A segunda geração de migrantes brasileiros: problemas e perspectivas, cuja primeira versão foi apresentada no Simpósio Estadual de História no Rio de Janeiro, 14 e 18 de agosto de 2006, Universidade Federal Fluminense / UFF - Campus do Gragoatá, Mini-Simpósio: Diferenças e Desigualdades Sociais, Niterói – Rio de Janeiro

² PORTES, Alejandro & RUMBAUT, Rubén G. *Immigrant America: a portrait*, Berkeley, University of California Press, 1996.

³ Segundo Portes (1995), o conceito de capital social refere-se à habilidade do indivíduo de mobilizar recursos escassos em virtude de seu pertencimento na rede ou nas estruturas sociais mais amplas. Os recursos adquiridos por meio do capital social sempre implicam uma expectativa de reciprocidade.

⁴ Como se trata de uma migração indocumentada, todos os nomes que aparecem nesse texto são nomes fictícios.

⁵ ESPANGLÊS – James L. Brooks, Estados Unidos, 2004.

⁶ Estudando, aprendendo inglês, indo para o *college* e tornando-se um bom profissional.

Gláucia de Oliveira Assis
E-mail: galssis@hotmail.com

Gisele Meriz
E-mail: gisa_meriz@yahoo.com.br

Natália Cristina Ihá
E-mail: tina@mercoshop.com.br

Data de Recebimento: 17/09/2006

Data de Aprovação: 27/08/2007